

PROTAGONISTAS DA NOITE: UMA POSSÍVEL INTERVENÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL COM PROFISSIONAIS DO SEXO

Danielle Teodoro Graciano¹, Marta Guimarães², Viviane Santalúcia Maximino³

¹Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP; Faculdade de Ciências da Saúde – FCS. Av: Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova – São José dos Campos, SP – Brasil; danielle.sfx@ig.com.br

²Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP; Faculdade de Ciências da Saúde – FCS. Av: Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova – São José dos Campos, SP – Brasil; martaguimaraesto@hotmail.com

³Docente da Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP; Faculdade de Ciências da Saúde – FCS. Av: Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova – São José dos Campos, SP – Brasil. vivianemax@ig.com.br

Resumo: Este artigo apresenta como objeto de estudo, a possibilidade da Terapia Ocupacional ser uma adequada ferramenta de trabalho para atuar junto às “profissionais do sexo” e colaborar no seu desenvolvimento integral como pessoas humanas, inseridas na sociedade brasileira. Pretende-se verificar teoricamente quais são os principais problemas que envolvem estas pessoas, problematizando a atuação de terapeutas ocupacionais em campos não tradicionais e propor uma linha mestra para nortear um programa de trabalho, diante do questionamento das dificuldades inerentes à identidade das mulheres prostitutas.

Palavras-chave: Profissionais do sexo, terapia ocupacional.

Área de conhecimento: IV – Ciências da Saúde.

Introdução

Historicamente, há registros da existência de prostitutas desde a Antiguidade, tendo sido consideradas sagradas e respeitadas, vindo a ser posteriormente estigmatizadas (ROBERTS, 1998). A palavra sempre esteve acompanhada de conotação negativa e, quando chegou a envolver crianças e adolescentes, a situação se agravou já que a sociedade, embora teoricamente condenasse e marginalizasse as prostitutas, preferiu, desde sempre, omitir-se diante do fato, considerando-o um “mal necessário”. Um “problema obrigatório” de ser mantido em benefício até de seus interesses e, portanto, problema do qual não se procura a solução.

Após a II Guerra Mundial, cresceu a discussão de Direitos Humanos e, com ela, começou a aparecer a preocupação com as minorias marginalizadas. Entretanto, de início, pouca atenção foi dada às prostitutas. Foi somente com a expansão da epidemia da SIDA e de outras moléstias infecciosas que, de fato, foi levantada a questão sobre os direitos das mulheres prostitutas. Este fato, por si só já expõe a dúvida da verdadeira motivação em “cuidar e auxiliar na liberação das profissionais do sexo”, provocando a interrogação se a sociedade não teria como meta final, a preocupação em se proteger, apresentando desculpas e racionalizações.

Os trabalhos nas áreas das Ciências Sociais, da Psicologia e da Política mostram que, apesar das

tentativas de órgãos de saúde pública em todo o mundo para a prevenção de doenças, as palavras miséria, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), drogas e prostituição são tomadas praticamente como sinônimas. No Brasil, a regulamentação da prostituição como uma profissão pouco fez andar. As doenças continuam, as profissionais do sexo ainda são marginalizadas, inclusive na própria família e, pior ainda, elas próprias *se marginalizam e se depreciam*.

Propomos as seguintes questões: Quais são os principais problemas das pessoas dedicadas a esta profissão? A Terapia Ocupacional tem algum papel possível de colaboração na procura de soluções? Quais opções de caminho podem ser apresentadas?

Materiais e métodos

Discussão teórica em aulas e a partir de consulta bibliográfica, confrontando os resultados com a capacidade de abrangência da Terapia Ocupacional.

Resultados

Em toda a bibliografia existente sobre o assunto, sempre se encontram avaliações semelhantes, na maioria dos casos, em torno dos seguintes pontos principais: - as mulheres

prostitutas continuam se *sentindo e sendo* marginalizadas o que se manifesta, inclusive, na dificuldade em usar serviços públicos de Educação e Saúde; - em geral são levadas a esta prática por extrema indigência econômica ou por traumas e abusos ocorridos durante a infância, adolescência e primeiros anos de juventude e por isso, é cada vez maior o número de prostituição infantil; - facilmente são levadas ao uso de drogas e álcool; - estão sujeitas a doenças e mortes precoces; - são vítimas de violências físicas, mais do que a população em geral; - é freqüente o comportamento auto-destrutivo e auto-agressivo, podendo chegar ao suicídio; -apresentam dificuldades para viver com a família, limitando o seu relacionamento às colegas de trabalho; - se possuem filhos, podem se sacrificar para mantê-los, mas não se sentem com coragem para viver com eles; - encontram enormes obstáculos para um profissionalização diversa seja pela oposição do ambiente social, seja pela hesitação em deixar o ganho que conseguem com a profissão; - manifestam baixa auto-estima que pode se aparecer como um desânimo, atitudes derrotistas ou mesmo por atitudes de defesa e agressividade em relação aos outros. (ROBERTS, 1998; www.meioemdiacult.com.br).

Na maioria das procuras de soluções apontadas na bibliografia, encontra-se, sobretudo a apresentação de cuidados preventivos na área de saúde e de apoio psicológico e econômico, visando desenvolver a auto-estima e auto-confiança das pessoas envolvidas. Os resultados nesta linha, embora de início possam ter aspecto promissor, não são significativamente positivos, sobretudo no acompanhamento a longo prazo, desembocando, em alta porcentagem, no assistencialismo e não em uma oportunidade de desenvolvimento como ser humano.

Discussão

Os achados na pesquisa bibliográfica levam ao desenvolvimento das questões sobre a causa destes resultados. Se a sociedade proteger, apoiar e legitimar cada vez mais a profissão da prostituição, defendendo os interesses da prostituta como tal, terá encontrado o caminho da solução sobre a dignidade, direitos e auto-estima da mulher profissional do sexo?

Por outro lado, a Terapia Ocupacional sendo uma ciência que estuda a atividade humana como um todo e a utiliza como recurso terapêutico para prevenir e tratar dificuldades físicas e/ou psicossociais (www.oms.org.com.br), pode atuar junto a pessoas desta classe profissional? Se a resposta for positiva, qual método seria o preferencial? E, qual pode ser o resultado esperado da colaboração da Terapia Ocupacional?

Constata-se, segundo diversos autores, entre eles o Dr. Frankl, que a pessoa humana não consegue agir "*por departamentos*". Todas suas atitudes e ações a envolvem como um todo e tem resultados sobre sua existência - um efeito em sua dimensão física, psicológica e espiritual. Aqui considerando a dimensão espiritual, como a dimensão onde se encontra a capacidade de se perguntar sobre si mesmo, sobre seu próprio valor e o valor de seus atos.

Pode-se levantar a questão de que, mesmo quando a prostituta afirma praticar o sexo exclusivamente como profissional, ela não pode expor o que de mais íntimo possui fisicamente que é o seu próprio corpo, sua capacidade de dar ou receber carícias físicas e até sujeitar-se a situações, em sua maioria humilhantes e de risco, sem ter conseqüências no seu ser total, como mulher. Aqueles que narram suas experiências de convivência com as prostitutas confirmam a enorme carência afetiva, a desilusão que leva à negação de um projeto de vida que inclua o amor. Levanta-se a possibilidade de analisar a ação social para conceder direitos e organizar a vida da profissional do sexo até como uma visão que, sob a desculpa de respeitar a liberdade da prostituta, propicia maiores marcas e marginalização, se não lhe apresentar um novo horizonte que pode escolher se assim o quiser.

Sem dúvida, devem ser mantidas as medidas de prevenção de doenças infecciosas, a medidas de proteção e segurança para as profissionais do sexo. Entretanto, estas medidas devem, obrigatoriamente trazer possibilidades de desenvolvimento em outra profissão que elas possam vir a escolher, com uma re-inserção sem traumas no ambiente social.

As profissionais do sexo acreditam que não se adequarão à sociedade e acabam por ser auto-preconceituosas. Assim, o auto-respeito se rompe e concluem que a felicidade não é seu direito.

Segundo Branden, "*Auto-respeito significa a certeza de que tenho valor como pessoa; é uma atitude de afirmação de meu direito de viver e de ser feliz; é sentir-me confortável ao expressar de maneira apropriada minhas vontades e necessidades, autoconfiança e segurança pessoal*".

A Terapia Ocupacional pode participar de modo pleno e original tanto no trabalho de apoio como no trabalho de desenvolvimento da mulher prostituta.

Pode ser instrumento de acolhimento, de conforto, de oportunidade de desabafo, de lazer e pode proporcionar ocasiões de socialização com atividades conjuntas, da descoberto de direitos.

Mas também, com as diferentes técnicas que lhe são próprias, pode auxiliar no auto-conhecimento, no reconhecimento do próprio corpo e de suas potencialidades, no desenvolvimento da confiança,

da capacidade criativa, da possibilidade de perseverar para enfrentar um desafio, na percepção da própria dignidade que ultrapassa os traumas. Na abertura do caminho do reconhecimento da construção pessoal e do direito ao amor e à vida compartilhada.

Para este objetivo, é particularmente importante, o trabalho em grupo seja promovendo debates em diferentes assuntos, seja com atividades que possibilitem a expressão de sentimentos e a expressão artística como teatro (onde se pode lidar com assuntos muito delicados “protegidos”, motivados e liberados pela representação), cerâmica, pintura, mosaico.

“Através das atividades, oportunizamos momentos de descontração e de criação e estimulamos a expressão dos sentimentos, a experimentação da realidade e das necessidades, a tolerância, a iniciativa, o interesse social, a troca com o outro, a integração e o apoio emocional, reduzindo, assim, o sentimento de desorganização e confusão”. (LAMPERT, 2006).

As possibilidades são inúmeras, mais ainda se acrescidas de oportunidades de dinâmicas em grupo. Citando Maximino, pode-se afirmar que o grupo funciona como uma “caixa de ressonância” onde os conflitos e tragédias pessoais têm oportunidade de serem re-vividas de maneira grupal, que além de dar apoio recíproco, pode auxiliar a dar oportunidade de descobrir significados e sentido existentes mesmo das maiores dores.

Conclusão

O trabalho conclui que há espaço a ser preenchido particularmente pela Terapia Ocupacional junto a uma população que necessita não só de descoberta de seus direitos civis mas,

sobretudo, necessita descobrir o seu valor e potencial como pessoa humana. Para que haja resultados concretos, há exigência de apoio do poder público, de Organizações Não-Governamentais (ONGs) e de instituições para que seja possível acreditar numa oportunidade quando houver o desejo espontâneo de mudança de profissão.

Referências

- ROBERTS, N. As Prostitutas na História – 1ª. Ed. – Rio de Janeiro – Ed. Rosa dos Tempos, 1998.

www.meioemidiacult.com.br – acesso em 25/07/2006.

Conceito de Terapia Ocupacional pela Organização Mundial de Saúde – OMS www.oms.org.com.br – acesso em 27/07/2006.

- FRANKL V. E. - Psicoterapia e Sentido da Vida – 2ª. Ed. – São Paulo – Ed. Quadrante, 1986.

- FRANKL V.E. – Em busca de Sentido – 10ª.Ed. – São Leopoldo/RS – Ed. Sinodal, 1999.

BRANDEN, N. Auto-estima e os seus seis pilares – 7ª. Ed. – São Paulo – Ed. Saraiva, 2002.

- LAMPERT, M. – Terapia Ocupacional – www.profala.com.br – acesso em 10/08/2006

- MAXIMINO V.S. – Grupos de atividades com pacientes psicóticos – 1ª.Ed. – São José dos Campos, SP. – UNIVAP, 2001.